

# UM INCÊNDIO VINDO DO ORIENTE

Marcel Luís Paiva do Monte

Autor de vários *best-sellers* no domínio da história antiga, Tom Holland licenciou-se em Inglês e Latim no Queen's College, Cambridge. Apesar do seu percurso académico, optou por desistir do doutoramento para dar largas à sua vocação como romancista, conforme se pode constatar pelos diversos títulos de ficção que já publicou. A divulgação histórica também o atrai: adaptou para a BBC diversos autores clássicos, entre os quais Tucídides e Heródoto, e assinou trabalhos como *Rubicão*, a sua mais famosa obra historiográfica (entretanto também editada pela Alethêia), semelhante em estilo a este *Fogo Persa*, que agora recenseamos.

## PREOCUPAÇÕES CONTEMPORÂNEAS

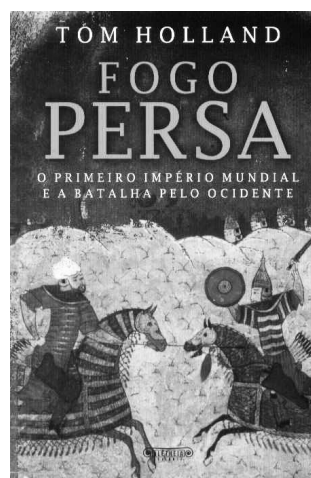
O autor conta-nos, no prefácio, que alunos ingleses de História, de um professor seu amigo, se insurgiram, com «gemidos de angústia», contra a troca de um seminário, habitual no último ano do curso, por outro tema, «tão alheio e tão distanciado das preocupações contemporâneas». Tratava-se de substituir o estudo da ascensão de Hitler pelas Cruzadas. Segundo Holland, a pertinência deste último tema, estruturante para as relações entre o Ocidente e o mundo islâmico, só surgiu na consciência destes indignados pupilos a partir do dia 11 de Setembro de 2001 e dos aconte-

cimentos que lhe sucederam. Subitamente, parecia que a tese do «choque de civilizações» estava a ser verificada materialmente: o ataque ao World Trade Center seria a prova. Da insanável querela entre cristãos e muçulmanos, ao confronto entre gregos e persas, que o autor narra, foi apenas um pequeno passo. Assim se justifica a génese deste livro, considerando a boa oportunidade para ser publicado: o *événement* de 11 de Setembro teria posto a nu estruturas milenares, reais ou fictícias, que dariam forma à eterna dicotomia entre Ocidente e Oriente. Daí a escolha de Tom Holland, que contrapõe assim o «fogo grego» das

TOM HOLLAND

## Fogo Persa. O Primeiro Império Mundial e a Batalha pelo Ocidente

Lisboa,  
Alethêia,  
2006, 383 páginas



batalhas navais da Antiguidade a um outro «fogo», vindo da Pérsia em direcção à Europa. Este livro e a reflexão mais lata que ele suscita, representa uma tentativa de revisitar a história das relações entre o Ocidente e o Oriente a partir do momento que é geralmente assumido como seu «fundador». O mérito da escolha do tema é indiscutível não só pelo seu interesse, mas também pela sua pertinência.

### **HISTORIOGRAFIA OU ROMANCE?**

Contudo, não se pode classificar este livro como «historiográfico», muito menos como trabalho académico, devido ao seu propósito de divulgação. O texto é uma narrativa pura, mas, embora entrecortado com citações de fontes documentais, enquadradas de forma correcta, falta-lhe o aparato crítico que aprofunda as problemáticas e rejeita a simplificação. Holland, pelo contrário, abstém-se de polémicas, não se enredando nas complexidades da arqueologia, história ou filologia da Antiguidade. O livro é, se assim o podemos chamar sem menosprezo, um *subproduto* da historiografia; rentável, é certo, mas falho do rigor que lhe é exigido. Pelo dramatismo que Holland coloca na sua linguagem, talvez possamos definir este livro como uma obra de história para ser lida «como um romance». Se o leitor gosta de literatura, Michelet, Herculano, ou até mesmo algumas biografias de Stefan Zweig, fornecerão melhores exemplos de mestria e beleza literária associadas à história; mas, apesar disso, *Fogo Persa* é uma leitura cativante que procura reconstituir, não sem alguma «imaginação» típica dos romances históricos, as

acções e as motivações dos agentes históricos em disputa.

### **GREGOS E «BÁRBAROS»**

O autor começa por narrar as origens da expansão medo-persa e da sua estruturação como império, remontando aos seus precursores assiro-babilónicos, dos quais os aqueménidas extraíram muitos elementos da sua organização e cultura política. Depois, conta-nos a génese de Esparta e a caracterização da sua peculiar e rígida sociedade, para em seguida narrar o processo de formação da *demokratia* ateniense e das suas principais fases e intervenientes. Até aqui, tratou-se de uma espécie de apresentação das «personagens», colectivas e individuais, que compõem o livro. O ritmo da narrativa começa a acelerar e a encher-se de maior dramatismo, acompanhando a tensão provocada pela sucessão de acontecimentos que, decerto, marcara historicamente as invasões persas contra a Grécia. O combate nas Termópilas, os altos e baixos da armada ateniense e dos seus aliados, são descritos com vivacidade, tornando-nos sensíveis às agruras dos defensores da Hélade e das suas populações. Em verdade se diga que Holland não caiu no erro, crasso e secular, de glorificar a democracia e liberdade ateniense, numa oposição maniqueísta ao «despotismo» e «luxúria» oriental. Só por isso, o livro merece um elogio. Parece-nos, contudo, perigosa a atribuição que o autor faz aos estados gregos, particularmente Atenas e Esparta, de uma natureza «terrorista», enquanto inimigos irreductíveis do Império Aqueménida. Esta oposição, entre os gregos que assumem um papel de per-

turbadores, e os persas, pilares de uma ordem política e moral que se pretendia estável e promotora da normalidade da vida e da prosperidade, estrutura todo o livro. O Império Aqueménida constituía, de facto, um modelo de dominação política universal fundamentada numa noção de *ordem cósmica*, que não era, aliás, nova no Próximo Oriente, na qual a agregação harmoniosa das inúmeras e diversas etnias, culturas e religiões, presentes no espaço do império, era um ideal que a *etno-classe* medo-persa procurava concretizar. Apesar disso, é óbvio o anacronismo e o exagero na aplicação do conceito, tão actual, de *terrorismo*, a esta realidade: se para os persas a turbulência causada pelos habitantes das franjas ocidentais do império, no Egeu e na Jónia, era, de facto, uma ameaça à ordem trazida pelos aqueménidas, que por essa razão sentiam o dever de levar aí a guerra para restabelecer a paz, entendida como ordem, isso não atribuía um estatuto especial e ímpar de «malfeitores» aos gregos. Dario ou Xerxes não teriam insónias pensando em como derubar a perigosa e subversiva ideia de *democracia*, pois a sublevação e a revolta eram frequentes no seio das grandes potências do Oriente Antigo. Nem, na verdade, a democracia fora pensada, na sua génese, apenas como um ideal completamente despido de calculismo e pragmatismo político, alheio às lutas facciosas na Atenas do século V a. C. Importa não cometermos o erro de projectar no passado, acriticamente, certos conceitos da actualidade. Se a história é sempre a visão do presente em que vivemos sobre o passado que reconstituímos, há, contudo, limites que, uma vez

ultrapassados, raiam a irresponsabilidade e o descrédito.

## VIRTUDES E VÍCIOS

Algumas das virtudes da obra são claras: para o público em geral, *Fogo Persa* é uma boa leitura, com uma escrita de qualidade, repleta de um dramatismo que confere vividez aos factos e ao tempo cuja história conta. Não peca demasiado por irresponsabilidade científica, daquela que teima em difundir interpretações erradas ou deturpadas. Cremos, portanto, que é uma excelente obra de divulgação, vocacionada para um público alargado, agradável de ler, embora lhe falte o rigor que se exige a uma obra historiográfica. Mas também enferma de vícios: o uso excessivo, abusivo até, de adjectivação e juízos de valor que atribuem características altamente subjectivas a pessoas e a comunidades, disfarça mal as inúmeras lacunas e respostas provisórias que a historiografia encontra. É de evitar afirmar, num trabalho historiográfico, por mero capricho literário, que Argos era uma potência «tão impaciente e arrogante como Esparta» (p. 90), que os eupátridas eram *snoobs* (p. 117), ou mesmo que os soldados do rei persa, esmagados em Maratona, «viveram amalgamados como um bando de alimárias, soltando guinchos animalescos, estrídulos e furiosos que nada significavam» (p. 200). Esta frase do autor, exagerada e desnecessária, reflecte apenas o preconceito helénico em relação a todos os *barbaroi*, civilizados ou não. Por outro lado, a reflexão que esperávamos acerca destas primordiais relações entre o Ocidente e o Oriente fica aquém das expectativas: colocar lado

a lado, na mesma narrativa, a descrição de duas civilizações diferentes e do seu confronto nas Guerras Pérsicas, não é suficiente para se obter uma síntese compreensível sobre este mito fundador de uma dicotomia geográfica e cultural tão antiga.

Quanto à tradução: não precisámos de consultar a edição inglesa para saber que o termo «escolástico» não se adequa a nenhum dos casos em que foi aplicado no livro, para verter o termo *scholars* para português. «Investigadores», «estudiosos», qualquer um destes termos, entre outros, seria melhor do que este com que designamos um dos principais esteios do pensamento medieval. Para além disso, gralhas e incorrecções menos graves pontuam esta edição, retirando alguma qualidade ao texto original. Por exemplo, «Acádia» é um

termo a evitar: prefira-se Acad, Agade ou Akkad. O mesmo vale para «as» Zagro: prefira-se «os» (montes) Zagros. Faltou claramente a disponibilidade, por parte da editora, para encomendar uma revisão científica mais cuidada.

Ficáramos satisfeitos se o leitor educado, mas não especializado, estivesse avisado dos riscos que corre ao tomar contacto com este género de literatura histórica de divulgação. É preciso espírito crítico para colocar em perspectiva a relevância de teses como a do «choque de civilizações», ou comparações entre a «democracia» e liberdade ateniense e o «despotismo oriental», conceitos e preconceitos vigentes desde Heródoto. Só depois dessa reflexão deverá o leitor dedicar umas quantas horas a esta obra cativante, aqui e além inteligente, mas despudoradamente superficial. **RI**